

Memórias de poéticas fronteiriças latino-americanas em Fabián Severo e Raquel Senties

Memories of latin american border poetics in Fabián Severo and Raquel Senties

Ana Carolina Martins dos Santos

Universidade Federal da Integração Latino-Americana – UNILA – Foz do Iguaçu – Paraná – Brasil

Resumo: Este artigo busca, através de uma análise crítica, comparar diferentes poéticas fronteiriças que são atravessadas por questões da memória, a saber *Noite nu Norte: Poemas en Portuguol* (2010), de Fabián Severo e, *The Ones Santa Anna Sold* (2014), de Raquel Valle Senties. Portanto, interessa discutir diferentes conceitos de memória e a relevância pela qual essa entidade se apresenta nos poemas de ambas as obras que, ao mesmo tempo, se aproximam e também diferem; levando em consideração temáticas, como: infância e território. Com relação aos conceitos teóricos sobre memória e identidade, estão as discussões e análises de Assmann (2011), Candau (2011) e Ricoeur (2007). Desse modo, pretende-se compreender a América Latina como um espaço de potência e conexão nas suas relações poéticas fronteiriças.

Palavras-chave: Memórias. Poéticas fronteiriças. Fabián Severo. Raquel Senties.

Abstract: This article seeks, through a critical analysis, to compare different border poetics that are crossed by memory issues, namely *Noite nu Norte: Poemas en Portuguol* (2010), by Fabián Severo and *The Ones Santa Anna Sold* (2014), by Raquel Valle Senties. Therefore, it is of interest to discuss different concepts of memory and the relevance by which this entity is presented in the poems of both works that, at the same time, are close and also different; taking into consideration themes, such as: childhood and territory. In relation to the theoretical concepts about memory and identity, are the discussions and analyses of Assmann (2011), Candau (2011) and Ricoeur (2007). Thus, it is intended to understand Latin America as a space of power and connection in its poetic border relations.

Keywords: Memories. Border Poetics. Fabián Severo. Raquel Senties.

1 Introdução

A vida na fronteira é um eterno (des)encontro que também se configura como uma via de processos de formação e legitimação identitária que se apresenta como fluxos contínuos de transformações dos sujeitos.

O emprego linguístico, como produto do encontro de diferentes línguas, em região fronteiriça pode ser interpretado de distintos modos: um ato consciente, uma forma de resistência à assimilação cultural dominante, uma afirmação identitária e etc. Entretanto, pode-se estabelecer um vínculo que está presente em qualquer desses motivos, a memória. A entidade língua-memória faz parte de nós, já que por meio dela se evocam lembranças, é possível (re)viver o passado ou esquecê-lo, tornando-o possível de ser dito ou não.

A propósito disso, Anzaldúa (2012, p. 81 - destaque da autora) também afirma: “So, if you want to really hurt me, talk badly about my language. Ethnic identity is twin skin to linguistic identity – **I am my language.**” Nesse caso, explicita que a identidade étnica e a linguística se convergem, não há diferença, logo, trilha um pensamento de que eu sou a minha língua, eu sou as minhas memórias, sou aquilo que eu lembro e esqueço, ou aquilo que eu quero/preciso lembrar e quero/preciso esquecer. A fim de explicar a premissa de Aleida Assmann (2011), que as lembranças passam pelo viés da língua, esse assunto será retomado adiante.

Contudo, a conjuntura literária, analisada a seguir, é a de mais de uma língua, por isso há um conflito – e aqui, não se admite um sentido negativo da palavra. Há de se ressaltar que, enquanto registro literário contendo essas práticas linguísticas, sociais e culturais, essa literatura é transpassada por memórias que são como peças marcadas pela subjetividade, auxiliando na compreensão do sujeito ficcional e das representações relacionais que o atravessam.

Desse modo, apresentar uma identidade não revela somente um traço histórico e pontual referindo-se a um lugar de nascimento, de nacionalidade; pelo contrário, traz consigo significados e memórias que esses sujeitos representam nas suas mais diversas manifestações artístico-culturais, inclusive na literatura.

Assim, neste artigo, faz-se necessário descrever a importância da memória ao abordar alguns teóricos que discutem o tema, relacionando-os com os textos literários em questão. Bem como, estabelecer um paralelo entre a memória e determinados assuntos que se repetem dentre os poemas dos autores, como infância e território.

2 (Re)escrevendo memórias

Nesse sentido, em conformidade ao que foi exposto anteriormente, Joël Candau em seu texto *Memória e Identidade* (2011), apresenta algumas das suas contribuições sobre a relação entre esses dois eixos. Já no preâmbulo de seu livro, o autor afirma:

A memória, ao mesmo tempo em que nos modela, é também por nós modelada. Isso resume perfeitamente a dialética da memória e da identidade que se conjugam, se nutrem mutuamente, se apoiam uma na outra para produzir uma trajetória de vida, uma história, um mito, uma narrativa. Ao final, resta apenas o esquecimento. (CANDAU, 2011, p. 16)

Inclina-se um olhar, especificamente, a partir do que essa dialética pode produzir. Para tanto, interessa estabelecer correlações literárias com as reflexões abordadas sem, no entanto, pretender apresentar leituras exaustivas ou encaixar, estritamente, tais poéticas em definições teóricas. Candau parte do pressuposto que “Sem lembranças, o sujeito é aniquilado” (2011, p. 17), somado a isso inclui-se também o esquecimento. Nesse sentido, ele discute analogias entre o indivíduo e o grupo social no qual está inserido, contestando concepções estanques e totalizantes a propósito da memória e identidade coletiva; para esse fim, atribui a memória três diferentes tipos de categorias. A primeira recebe o nome de “memória de baixo nível”, fazendo referência ao conhecimento e às experiências compartilhadas entre os indivíduos que formam parte de um grupo social específico. Assim sendo, o poema *Vintioito* de Severo, conversa com essa primeira proposta de Candau, já que mais uma vez há a possibilidade de se ressaltar a noção de comunidade:

Antes, fas mucho tiempo
los visiño se ayudavan.

Como la ves aqueya
que se prendió fuego la casa del Correa.
Todos ayudamo sacá las cosa pra la vereda
mientras la Mama yorava i gritava
se batendo nu peito.
Dispós todos ayudemo limpá
i cada um fue trasendo alguna coisa.
Asta nu bar du Carlito fiserum rifa.
[...]
(SEVERO, 2010, s/p)

Nessa passagem, o sujeito rememora saudosamente a empatia que havia entre a vizinhança, citando, inclusive, uma ocasião em que todos puderam servir ajudando, gerando identificação recíproca. E ainda sobre comunidade, Sentíes versa o poema *Pa'Chano*:

On Saturdays, my cousins and I gathered
around you, a carpenter like St. Joseph,
tall and thin as a cypress, eyes full of wisdom
behind around glasses and a Stetson that
crowned
then proudly showed us the gold coin
with the emblem of the Sons of Juárez
etched
on it. We listened to your cuentos of the
Mexican
Revolution, when Los Dorados de Vila
galloped
Through the villages of Nuevo Leon.
Shooting
Their rifles in the air, they left a cloud of dust,
Trembling women, and crying children
behind.

You spoke fondly of your grandmother
Rosalia who left Spain for the new world,
of your love for María Chita and how you
carved
your initials and hers on a towering
pecan tree in the plaza in Cerralvo.
[...]

On the Day of the Dead, you took us to the
Catholic cemetery. You hoed weeds, hauled
buckets of water for the gladioli Mom
with tia Rebeca arranged around the tombs
of my grandmother, Mamá Chita, and three
of your sons. Then you sat quietly as we
knelt
to pray. After lunch, you took
my cousins and me to buy sugarcane
in the stalls outside the cemetery,
my hand lost in your warms strong one. We
sucked
sugarcane and laughed
as the sweet
syrup dribbled
down our chins.

At eighty, you walked downtown

twice a day in the summer heat
as in the gray winter days when icicles clung
to the eaves of houses to meet
your friends at Jarvis Plaza. Don Luciano
García Longoria, I wish you were still here
so I could have conchas y café con natas
with you at five.
(SENTÍES, 2014, pp. 31-33)

Interessante observar como a cotidianidade e a naturalidade dos eventos se move ao longo de todo o poema, inclusive porque são memórias narradas, mas que similarmente simulam uma conversa diretamente com o interlocutor, que também é o tópico do poema. O que se reconhece é que dentro de uma comunidade, pode se realçar a figura de alguém mais velho, representando sabedoria e tendo como missão transmitir saberes aos mais novos. Logo nos primeiros versos, é possível identificar essa construção: "On Saturdays, my cousins and I gathered / around you, a carpenter like St. Joseph, / tall and thin as a cypress, eyes full of wisdom". De forma a reafirmar essa cena, Joseph conta aos demais sobre as histórias que marcaram, tanto as antigas gerações como a formação da sua comunidade: "We listened to your *cuentos* of the Mexican / Revolution, when Los Dorados de Vila galloped / Through the villages of Nuevo Leon." Esse, constitui-se como outro modo de resgatar as memórias de histórias do passado, ao torná-las próximas afetivamente daqueles que não a vivenciaram, de fato. Sobre isso, Candau (2011, p. 131) afirma que: "A história busca revelar as formas do passado, enquanto a memória as modela, um pouco como faz a tradição".

Nesse sentido, o senso de (com)unidade começa a se estabelecer através dessa tradição de contação de histórias/memórias vividas, uma vez que há "o caso de pequenas comunidades nas quais a transmissão oral é suficiente para impregnar o indivíduo de sua tradição cultural" (CANDAU, 2011, p. 108). Contudo, ainda é possível perceber que há mais um aspecto tradicional: *el Día de los Muertos*, uma data tão forte e simbólica com suas raízes profundas na cultura mexicana que faz parte de uma celebração em comunidade: "On the Day of the Dead, you took us to the / Catholic cemetery."

O segundo tipo tem por nome "memória de alto nível", aquela que abarca vivências e lembranças

autobiográficas, podendo também remeter a crenças, sensações, /-sentimentos e etc. Em relação a esse tipo de memória, há algo bem particular presente na literatura de ambos os autores: a celebração do Natal; que apesar de haver suas variedades conforme o país e a cultura, é bem significativa em algumas tradições. No poema *Cuarenticuatro*, Severo narra:

El Negro deu de Navidá
la sía de Judas pra mi madre.

Los visiño dinfrente fiserum um Judas
i botarum ele sentado na sía.
De noite puserum bomba i prenderum fogo.

Au otro día, bien sedíño
el Negro foi i trose la sía pras casa.
Limpó toda, lijó i deu uma boa mano de
pintura
dispós clavó uma almuada veia
i la sía ficó noviña.

Mi madre istava felis
agora tiña sía pra fasé as costura.
Ela nunca avía tido Navidá.
(SEVERO, 2010, s/p.)

Interessante perceber como ao mesmo tempo em que se participa de um evento tradicional, há a criação de novas memórias para si e com a comunidade na qual está inserida. Em vista disso, Candau no seu texto, não deixa de argumentar que

essas lembranças encontram sua justificativa não apenas em assegurar uma continuidade fictícia ou real entre o passado e o presente, mas também em satisfazer uma lógica identificadora no interior do grupo, mobilizando deliberadamente a memória autorizada de uma tradição.
(CANDAU, 2011, p. 122)

Portanto, o aspecto tradicional no poema evoca detalhes simbólicos cujo valor material é descartado, uma vez que esse foi o primeiro Natal da mulher retratada no poema e junto à sua comunidade pode desfrutar do sentimento de pertencer e colaborar, pois ao realizarem uma das tradições natalinas, utilizaram o presente que ela havia recebido. Seu primeiro Natal, sua primeira cadeira. No entanto, nem sempre a realidade como as coisas sucedem corresponde às expectativas criadas de como serão, principalmente, no que diz respeito às 'primeiras vezes' da vida. Contudo, esse poema só evidencia como a

trivialidade, os anseios do coração, a pobreza e a vida, em todos os seus aspectos, também afetam sujeitos transfronteiriços. A fronteira não isenta, pelo contrário, potencializa. E a esse respeito, o poema *Anniversary Waltz*, de Senties, versa sobre o que lhe afetava como mulher:

Solitude and the night wrap
around her like a rebozo
as she strides along the plaza
glances at the couple outside
the Café El Portal and rushes
across the street. She stands
before her husband. He grins.
"Let me introduce—"
"Don't," she says
he shrugs and downs his shot
of tequila. Sooty tears stain
her cheeks. "Dinner was at eight.
Our friends came and left," she blurts
and steps away. Rising, he knocks
over the bottle of Tequila Sauza
and staggers after her. Her jerks
her around. "Don't walk away from me!"
She strikes his cheek;
her wedding ring flies
off, a flash of gold in the neon night.
It spins in the air,
divides them,
and rolls on the floor
into the amber
puddle of aged tequila.
(SENTÍES, 2021, p. 16)

Apesar de o poema tocar no tema festividade, como o próprio título indica, esse não é o panorama que pretende destacar, mas sim o conflito de um relacionamento, apresentando-se como um dos poemas em que se evidencia a autobiografia ficcional de Senties. Além de expressar poeticamente uma lembrança, também expõe a violência masculina, que mais do que moral também se torna uma agressão física: 'Rising, he knocks / over the bottle of Tequila Sauza / and staggers after her'. Ainda que não seja capaz de mudar completamente o cenário de subjugação ao qual está sujeita: 'Solitude and the night wrap / around her like a *rebozo*', essa mulher é consciente de que vive em um contexto de opressão: 'Sooty tears stain / her cheeks'.

Mesmo o choro sendo constantemente e de forma machista associado ao feminino, a fraquezas e vulnerabilidade emocional, também representa raiva, intolerância e desgosto. Isso, no entanto, precisa ser um objeto de mudança, pois como afirma Bernice

Rincón (1997, p.26) “The Chicana is torn between being what her man wants her to be and what she knows she must become in order to function in today’s action oriented world.”

Por último, Candau estabelece a “metamemória” que designa o modo como cada indivíduo representa sua própria memória, como um constante retorno ao passado, contribuindo para a (re)construção e (re)afirmação da identidade. Com isso, o poema *Sincuentiséis* de Severo estabelece bem essa relação:

Cuando uno es pobre
i eu so pobre,
no puede isquesé de aonde viene.

Asvés yo voi na carnisería
veo el Luisito trabajando, el me atiende
i yo quero le desir
tu te lembra Luisito
cuando nos iva nel río casá vieja del agua
[...]

i eu noun sei si ele no se lembra
o no se quiere lebrá.

O la Silvana, que se foi pra Montivideu
istudiá pra maestra
un día yo crusé con eya nel sentro
ela me miró i yo levanté la maun pra saludá
i eya deu volta la cara i se foi.

El que si se lembra de tudo es el Manuel
asvés lo veyo sentado por aí tomando mate
nos botamo a falá daqueles año
i nos matemo de risa.

Que amigo el Manuel
ese si no teve sorte, anda camiñando por las
caye
sin trabajo i sein familia.
El Manuel se lembra da sua sorte.
(SEVERO, 2010, s/p)

Sobre essa correlação entre identidade e memória, Candau elabora a primeira como um todo cheio de significados, materializada na fala, desejo e lembrança, regulada pela rememoração e contexto de determinado evento. Esses processos se dão de maneira coletiva quando surgem do cruzamento de imagem e linguagem, permitindo, assim, a manutenção de memórias fortes que resultam em marcas identitárias reforçando sentimentos de origem, pertencimento e história. E esse é o ponto que o leitor é tocado pelo poema, a memória atrelada a uma parte constitutiva de

quem se é e o reconhecimento disso no presente: “i eu noun sei si ele no se lembra / o no se quiere lebrá.” Tanto Luisito como Silvana já não pertencem à vida na fronteira, não fazem mais parte dessa comunidade, por isso rechaçam as memórias correspondentes a essa época da vida; diferentemente de Manuel: “El que si se lembra de tudo es Manuel”. Ainda que no poema haja uma crítica em relação a esse fazer de conta que já não se lembra do passado, o sujeito considera uma situação de sorte ter a vida social transformada, em certa medida: “Que amigo el Manuel / ese si no teve sorte, anda camiñando por las caye / sin trabajo i sein familia” e o feito de não levar consigo as cargas da memória: “El Manuel se lembra da sua sorte”.

Nesse sentido, retratar a pobreza como parte da vida fronteiriça revela que esse lugar “Se trata no sólo de un hábitat, sino también de un modo de habitar. Los habitantes del borde se habitúan a los desbordes y a los contrasentidos.” (CAMBLONG, 2009, p. 131). Nessa mesma lógica, Senties também escreve um poema – *The Ones Santa Anna Sold* – que reflete, entre outras coisas, a pobreza assignada a sua comunidade por diversos fatores:

We are
those who fled
the land of our birth,
those who built the great pyramids—
mute witnesses of Cortes’s destruction,
those who invented the Aztec calendar,
those who left our mothers,
our wives
our children,
because our country
rich in oil can’t feed us.

We are
the wetbacks that cross
the Río Bravo,
the brave ones that cross
the desert,
that drown,
that die of thirst,
that are killed by vigilantes,
border guards or coyotes
those who passively conquer
the most powerful nation in the world
taking back what once belonged to Mexico.

We are
the traitors,
the starving Indians,
the pochos,
the chicanos.

We are the ones Santa Anna sold.

(SENTÍES, 2014, pp. 24-25)

Esse é um poema que se caracteriza pela abrangência e identificação identitária-cultural de um povo e apesar de estar, na sua maioria, descrito no presente, faz referência a eventos passados que contribuíram/contribuem para (re)afirmar a identidade de um eu e de um nós.

Em primeiro lugar, o título do poema alude a Antonio López de Santa Anna, mais comumente chamado de Santa Anna. Ele foi uma figura emblemática e de grande relevância para o contexto sócio-político mexicano, ainda que carregue consigo inúmeras contradições. Mesmo sendo onze vezes presidente, do ponto de vista ideológico, apoiou liberais e federalistas, ao mesmo tempo, que foi descrito como um demagogo oportunista sem ideologia (FLORES HERNÁNDEZ; GONZÁLEZ ESPARZA, 2010).

Em segundo lugar, esse é um poema de memórias-histórias elaborado através de feitos, sofrimentos e cargas de gerações de uma comunidade. Nesse sentido, há o destaque de quando foram agentes: “those who built the great pyramids– / mute witnesses of Cortes’s destruction, / those who invented the Aztec calendar” e, também, pacientes: “that drown, / that die of thirst, / that are killed by vigilantes, / border guards or coyotes”. Mas, do mesmo modo, o que lhes é imputado se torna memória: “We are / the traitors, / the starving Indians, / the pochos, / the chicanos”, conduzindo a leitura para o último verso do poema, que de forma bem arquitetada também se apresenta como o título do poema e como o nome do livro: “We are **the ones Santa Anna sold**”.

Essa é uma crítica histórica, que remonta a década de 80, quando foi assinado o Tratado de Guadalupe Hidalgo entre o México e os Estados Unidos, no qual foram perdidos aproximadamente 2,4 milhões de quilômetros quadrados de território mexicano, por aproximadamente 15 milhões de pesos mexicanos, na época, sob o comando de Antonio López. Como não se sentir usurpado? Em outras palavras, vendido? As relações que se estabelecem são muito mais íntimas e dolorosas, mas mesmo a partir dessa ótica podem ser ressignificadas para uma nova afirmação identitária.

3 Infâncias & Memórias

Os poemas aqui analisados tratam tanto de um singular como de um plural, na medida em que tais memórias envolvem experiências coletivas de sujeitos fronteirizados, conflitos socioculturais e, também, linguísticos. Como é o caso do poema *Trintidós*, abordando um eixo temático sobre a questão da língua e seu uso dentro do espaço escolar:

Yo no quiería ir mas en la escuela porque la maestra Rita, de primer año cada ves que yo ablava
pidía pra que yo repitiera y disía
vieron el cantito en su voz, así no se debe hablar
y todos se rían de mim
como eya pidía que yo repitiera
yo repitía y eyos volvían se rí.
[...]
(SEVERO, 2010, s/p)

A intenção é pensar na possibilidade de um tripé entre língua-memória-identidade, já que à medida que o sujeito transfronteiriço constantemente se comunica/faz uso da sua língua, carrega consigo as muitas marcas que lhes são imputadas e atribuídas, como, por exemplo, de “inadequação” e “inferioridade”. Paul Ricoeur, em *A memória, a história, o esquecimento*, afirma: “se uma lembrança volta, é porque eu a perderei; mas se, apesar disso, eu a reencontro e reconheço, é que sua imagem sobrevivera” (2007, p. 438). Por esse motivo, o sujeito poético registra a imagem dessas lembranças, pois assim sobreviverão e, nesse contexto, são vivências opressoras. Nesse sentido, o espaço escolar se torna um lugar em que as crianças chicanas têm de aprender forçosa e obrigatoriamente a adaptar-se e submeter-se a um novo modelo cultural e linguístico, que influencia na construção da sua identidade, nas suas relações com as suas origens e com o Outro.

Segundo Assmann (2011, p. 168), “A língua é o estabilizador mais poderoso das recordações. É muito mais fácil lembrar-se de algo que tenha sido verbalizado do que de algo que nunca tenha sido formulado na linguagem natural.” Considerando que a situação humilhante pela qual a professora expôs esse sujeito,

se deu através da língua – expressão verbal – e que o motivo para tal, também foi a língua – idioma –, há então uma dupla carga que potencializa a força memorativa desse sujeito. Com relação ao tema, Nietzsche (2009) argumenta que a consciência da moral se relaciona com uma memória da vontade que não registra experiências biográficas, mas sim escritas culturais ligadas a instituições de poder e violência. E ainda considera “como inscrições culturais do corpo as agências de socialização e os institutos da disciplina e da punição, para os quais importa inculcar nas pessoas determinados valores e normas de convívio” (p. 264). No entanto, não estaria a escola, nesse contexto, assumindo a posição de uma dessas agências e institutos? Não cabe dúvidas de que esse posicionamento gera consequências que vão de encontro com a afirmação identitária desse sujeito.

A respeito disso, há um trecho da obra de Anzaldúa que em muito dialoga com essa questão:

To be close to another Chicana is like looking into the mirror. We are afraid of what we'll see there. Pena. Shame. Low estimation of self. **In childhood we are told** that our language is wrong. Repeated attacks on our native tongue diminish our sense of self. The attacks continue throughout our lives. (ANZALDÚA, 2012, p. 80 - destaque da autora)

Essa não se trata de uma experiência única, mas alcança a realidade de muitas outras chicanas que geraram essa amarga percepção desde as suas infâncias até a vida adulta. A infância é o começo de expectativas e reconhecimento sobre si e sobre o outro. Em relação a isso, esse também é um tema que toca a Sentíes, já que se dedica a poetizar sobre o sofrimento infantil em *The Lost Children of Mexico City*:

Fragile as blown glass
in a child's hand,
rough on the outside soft
on the inside like a zapote mamey.
Filthy as the dumps the loss of innocence,
empty from the loss of loved ones,
haunted by their inner devils,
betrayed by the adults of their world.

The bitter night wind rushes
like a thief along the streets. A steady
drizzle soaks the small bodies curled
like wet kittens under newspapers.
They seek shelter in abandoned

buildings,
in empty sheds behind mercado
stalls near Garibaldi Plaza.
[...]

Choked voices
“My mother didn't want me.”
“My step-father beat me.”
“My grandmother couldn't feed us all.”
Cocky, street-wise façade crumples
like a paper shield as tears stream
down the grimy cheeks of grotesque,
stick-like figures in too large rags.
[...]
(SENTÍES, 2014, pp. 110-111)

O retrato de uma infância atribulada, com uma inocência negligenciada em prol de uma sobrevivência, mas a que custo? A vulnerabilidade e o grotesco participam de uma mesma cena, já que na infância se tem o lado mais fraco. A vida na fronteira é capaz de potencializar as vivências, inclusive as dores. A esse respeito, Aleida Assmann alude às concepções do etnólogo Pierre Clastres “as marcas impedem o esquecimento, o próprio corpo traz em si as marcas da memória, o corpo é a memória” (Clastres, 1976, p. 175, *apud* ASSMANN, 2011, p. 264). E através de uma perspectiva feminina, Sentíes transporta para a obra literária esse ambiente vil: ‘Choked voices’, ‘as tears stream’, ‘figures in too large rags’.

4 Territórios & Memórias

Paul Ricoeur em sua obra *Tempo e narrativa* (1994) descreve como elemento da narrativa a memória, que não se apresenta de forma ingênua, configurando-se como um aspecto fundamental de criação no presente, a partir de estratégias discursivas que oferecem possibilidades construtivas ao leitor, dispondo de efeitos de sentidos consolidados. Instigante identificar que ambas as obras literárias analisadas nesta investigação são concebidas como poemas, mas que, no entanto, fogem das dimensões que foram atribuídas a essa categoria por tanto tempo, expondo a necessidade de narrar a si mesmo, o outro, o território e as memórias.

Nessa perspectiva, exploro a estreita relação entre memória e território. Esse último discutido bem mais que uma unidade física, mas como formas de pertencimento, construção e desconstrução de

relações simbólicas e culturais. De acordo com essa concepção de flexibilidade e mobilidade, quanto ao território, Haesbaert e Limonad (2007, p. 42) afirmam: “o território não deve ser confundido com a simples materialidade do espaço socialmente construído, nem com um conjunto de forças mediadas por esta materialidade”, já que “é sempre, e concomitantemente, apropriação (num sentido mais simbólico) e domínio (num enfoque mais concreto, político-econômico) de um espaço socialmente partilhado.” Justo com esse contexto de partilha conversa o poema *Cuatorse*, de Fabián Severo:

Desde piqueno
vemo seus programa
iscutemo suas música
aprendemo suas palavra
bailemo sus baile
cumemo sua cumida
resememo seus santo.
(SEVERO, 2010, s/p)

Esse texto literário evidencia como se (com)partilha traços do cotidiano e da cultura entre diferentes territórios a ponto de se levantar questões: Por que haveria de ter singularidades que definam Artigas enquanto um território uruguaio? As mobilidades, sejam elas físicas, culturais e/ou linguísticas acarretam em transformações dos imaginários e dos limites nacionais. Desde os mais singelos afetos que podem ser expressos em palavras àquilo que muitas vezes circunda o inexplicável – a fé – está o meu, o seu e o nosso território confluindo em um só. E, mais uma vez, é possível corroborar o pensamento de Ángel Rama sobre as comarcas latino-americanas. Por que categorizar características ditas típicas, a um determinado lugar? Por que atribuir nacionalidade às lembranças e às vivências socioculturais? Nessa perspectiva, o próximo poema de Severo que espelha essas considerações é o *Vinte*:

Ontein me sacarum tudo lo que trasía de
Cuarái.
Otra ves me quitarum tudo.
Meu Deus, purqué tanta inyustisa.
Que digo pra Negra, meu Deus.
Eya tava isperando u aseite, a fariña, u
asúcar.
No pude neim pasá a erva pru mate da
tarde.

Ainda si fose roubado,
mas era uma semana de trabaliu
um bolso yeio con el suor da nosa frente.
Si Dios fuese artiguense
no avía deiyado que los ombre
me sacaram la bicicleta.
Eu pidí por favor,
eles diserum que era pra eu aprendé.

Otra semana pidindo fiado nu armasén du
Brasileiro
camiñando pru molino
yuntando as moeda pra i u sábadu que viene
faser um surtido en Cuarái.
(SEVERO, 2010, s/p)

Em contraposição ao primeiro poema em que os atravessamentos parecem conviver em harmonia, nesse percebo uma imposição que não é gratuita e em muito se relaciona a um posicionamento de poder que o Brasil insiste em manter na sua relação com os demais países da América do Sul. Segundo Rodrigo Abi-Ramia no seu trabalho *Posicionamento brasileiro na América do Sul* (2020) o autor considera o Brasil como um país subimperialista, no entanto, expõe que essa condição não deve ser entendida como uma cópia direta do imperialismo, nem como uma postura de manutenção de projetos hegemônicos aos demais países, uma vez que há dinâmicas e características diferentes envolvidas.

Ainda que essa condição brasileira esteja além do capital financeiro e abarque um capital cultural e social: “Eu pidí por favor, / eles diserum que era pra eu aprendé” revela aqui uma ação de sujeição, sem motivo aparente, movida por um sentimento de superioridade no poema, demonstrando ainda como essa é uma situação vivida com frequência pelo sujeito: “Otra ves me quitarum tudo” e “Otra semana pedindo fiado”; mais ainda, essas circunstâncias o fazem duvidar e/ou desacreditar no que crê: “Si Dios fuese artiguense / no avía deyado que los ombre / me sacaram la bicicleta.” Será que Deus seria brasileiro?

Nessa perspectiva, o poema *Soy como soy y qué*, de Senties, desenvolve poeticamente uma relação simbólica com dois territórios que ocupam nela um mesmo espaço:

Soy flor injertada que no pegó.
Soy mexicana sin serlo.
Soy americana sin sentirlo.

La música de mi pueblo,

la que me llena,
los huapangos, las rancheras,
el himno nacional mexicano
hacen que se me enchine el cuero,
que se me haga un nudo en la garganta,
que bailen mis pies al compás,
pero siento como quien se pone sombrero
ajeno,
los mexicanos me miran como diciendo,
“¡Tú no eres mexicana!”

El himno nacional de Estados Unidos
también hace que se me enchine el cuero,
que se me haga un nudo en la garganta.
Los gringos me miran como diciendo,
“¡Tú no eres americana!”
Se me arruga el alma. En mí no caben
dos patrias como no cabrían dos amores.
Desgraciadamente no me siento ni de aquí ni
de allá.
ni suficientemente mexicana,
ni suficientemente americana.

Tendré que decir,
“Soy de la frontera,
de Laredo,
de un mundo extraño,
ni mexicano ni americano.
[...]

Soy como el Río Grande,
una vez parte de México,
desplazada.
Soy como un títere
jalado por los hilos
de dos culturas que chocan entre sí.
Soy la mestiza,
la pocha,
la Tex-Mex,
la Mexican-American,
la hyphenated,
la que lucha por no tener identidad
propia y lucha por encontrarla,
la que ya no quiere cerrar los ojos
a una realidad que golpea, que hiere,
la que no quiere andarse con tiento,
la que en Veracruz defendía a Estados
Unidos
con uñas y dientes,
la que en Laredo
defiende a México con uñas y dientes.

Soy la contradicción andando.
En fin como Laredo,
soy como soy y qué.
(SENTÍES, 2014, pp. 77-79)

O primeiro verso desse poema já começa com uma afirmação poética: “Soy flor injertada que no pegó”, nenhum solo era suficientemente fértil para fazer com que essa flor desabrochasse, ou inclusive o contrário, já que se sabe que as condições nas quais se apresenta o solo influencia no crescimento de plantas e flores. O poema começa a ser construído em afirmativas que se negam: “Soy mexicana sin serlo /

Soy americana sin sentirlo” a partir de uma perspectiva do eu, mas logo apresenta a resposta do(s) outro(s): “¡Tú no eres mexicana!” e “¡Tú no eres americana!”. Inclusive, usa a estratégia da mesma justificativa na segunda e terceira estrofes do poema para ambas as experiências, como versos espelhados, no intuito de reforçar a ideia de que tanto no/para o México como para os Estados Unidos é um mesmo sentir. Nesse caso, por não conseguir se identificar plenamente com uma das pátrias, atribui sua própria identidade a um terceiro lugar, a um *entrelugar*: “Soy de la frontera, / de Laredo, / de un mundo extraño”, e que de certa forma a sobrecarrega de atributos vinculados aos territórios: Soy la mestiza, / la pocha, / la *Tex-Mex*, / la *Mexican-American*” e, por fim, “la hyphenated” ressaltando a ideia de ser e estar no caminho entre um e outro, mas também demonstrando separação. Através dessa perspectiva analítica, Stuart Hall (2006) ajuda a compreender essa dubiedade quando afirma:

As culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. Uma cultura nacional é um discurso – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos (HALL, 2006, p. 50)

No entanto, apesar de sentir-se contraditória, a busca por uma identidade segue sendo um dilema já que ela se autodefine como: “la que lucha por no tener identidad / propia y lucha por encontrarla”; enquanto que é evidente como esse impasse identitário tem uma linhagem territorial, assim como se evidencia nos seguintes versos: “la que en Veracruz defendía a Estados Unidos / con uñas y dientes, / la que en Laredo / defiende a México / con uñas y dientes.” Sobre isso, Hall (2006, p. 56) também contribui ao declarar: “O discurso da cultura nacional não é, assim, tão moderno como aparenta ser. Ele constrói identidades que são colocadas, de modo ambíguo, entre o passado e o futuro.” Através dessa consideração do autor é possível observar a construção do poema quando apresenta uma diferença de tempos verbais relacionada à interação com os respectivos territórios. Para referir-se aos Estados Unidos, estando em Veracruz, o uso do

verbo conjugado está no passado: **defendia**; mas ao mencionar o México, estando em Laredo, o tempo verbal utilizado é o presente: **defiende**. Ainda que a ideia remeta a sua situação geográfica atual, também pode denotar uma mudança de posicionamento que reverbera no futuro. Em meio às inconstâncias, o poema termina com um verso que ao mesmo tempo que afirma, também provoca com uma pergunta indireta: “soy como soy y qué”.

Não obstante, ressalto, ainda, que o território como já abordado anteriormente, tende a ser bastante fabulado, carregando consigo imaginários pré-concebidos, por vezes exagerados, mas também muito descontextualizados e irreais, que acabam tornando-se símbolos de referência. Nesse sentido, também proponho uma leitura ao poema *Caminos*, de Senties:

Vuelvo al lugar de mi exilio.
No temo lo desconocido
Como hace treinta años,
Ni llevo la esperanza del ayer,
Con la vida por delante llena de ilusiones.
He vuelto a nacer.
Camino que recorrí a los veinte años
Con mi amado esperando forjar un hogar
Impenetrable al engaño,
A la mezquindad.
Atrás quedaba mi familia,
Mi patria,
Mi mundo.
El camino serpentea
Entre las entrañas de los cerros verdes.
Las palmeras se mecen con el viento
Tan altas que parecen susurrar al cielo.
Huertos de naranjos,
Cascadas de bugambillas moradas
Y gigantes tulipanes rojos
Engalanan el paisaje.

[...]

Me parece tan lejano todo aquello.
Otros días, otro mundo, otra yo.

[...]

No tengo miedo al pasado.
Estoy en paz conmigo misma.
[...]
Hoy regreso libre para hacer,
para deshacer,
para ir,
para venir,
para dar,
para recibir,
para ser yo.
(SENTIES, 2014, pp. 100-105)

Voltar ao lugar do exílio significa retornar ao lugar que, uma vez, foi casa e reviver as memórias do passado. Sobre esse tema Silvia Cárcamo escreve que

A situação do exílio ocasionaria um modo de ver o mundo mais complexo, rico e original. O escritor que sofreu essa experiência quase intransferível ou incommunicável ganharia uma mirada plural capaz de contrapor permanentemente duas visões simultâneas, a da terra de origem e a do novo ambiente. Essa visão “nômade”, distanciada, capaz de se situar em focos de observação diferentes, propiciaria explorações férteis no campo da memória por parte de quem pode ver o mundo inteiro “como uma terra estrangeira”. (CÁRCAMO, 2022, pp. 266-267)

Em diálogo com essa citação, destaco o verso: “Otros días, otro mundo, otra yo”. Interessante perceber como se fosse uma escala gradativa e crescente de transformação que a atinge, abordando assim questões temporais, geográficas/culturais e pessoais. Mais uma vez, o viver-entre demonstra que há múltiplas possibilidades de se experimentar o mundo, pois situações fronteiriças, migratórias e de exílio contribuem para a formação de uma nova cosmovisão sobre o mundo, que vai de encontro a uma ‘otra yo’. Com relação a essa forma dinâmica de uma nova percepção, destaco o uso metafórico de caleidoscópio, atribuído por César e Cavalcanti (2007), que em muito soma a essa discussão:

sendo feito por diversos pedaços, cores, formas e combinações, é um jogo de (im)possibilidades fortuitas e, ao mesmo tempo, acondicionadas pelo contexto e pelos elementos, um jogo que se explica sempre fugazmente no exato momento em que o objeto é colocado na mira do olho e a mão o movimenta; depois, um instante depois, já é outra coisa. (CÉSAR; CAVALCANTI, 2007, p. 61)

É interessante pensar que esse é um objeto que faz com que as imagens sejam refletidas diversas vezes, mas conforme o tubo é girado os padrões se alteram. Assim faço a leitura das visões de mundo, que ganham distintas percepções a partir de novas vivências. Inclusive, a despeito dessas considerações, proponho a análise sobre os percalços destacados pela jornada de uma exilada e, ainda, a expansão da noção

de 'lar' presente nesse contexto; que mesmo não aparecendo explicitamente, permite que haja essa leitura em: "Atrás quedaba mi familia / mi patria / mi mundo." As definições de lar, por vezes, podem ser contraditórias, já que a depender da situação pode representar hostilidade e violência ou conforto e segurança, mas para uma trajetória peregrina diferentes lares vão sendo construídos ao longo do caminho, o que fica bem evidente em: 'Camino que recorrí a los veinte años / Con mi amado esperando forjar un hogar'. Amparado na noção de lugar simbólico Avtar Brah declara:

¿Dónde está el hogar? Por un lado, el «hogar» es un lugar mítico de deseo en la imaginación diaspórica. En este sentido, es un lugar de no retorno, incluso si es posible visitar el territorio geográfico que se considera el lugar de origen. Por otro lado, el hogar es también la experiencia vivida de una localidad. Sus sonidos y olores, su calor y su polvo, sus templadas noches de verano o la excitación de la primera nevada, las estremecedoras noches de invierno, los sombríos cielos grises al mediodía... todo esto, mediado por la cotidianidad históricamente específica de las relaciones sociales. (BRAH, 2011, p. 223)

Levando em consideração que o título do poema é *caminos*, há a possibilidade de que ao longo do percurso diferentes lares fossem ganhando espaço, mas ainda assim o cenário inicial permanece intacto na memória: 'El camino serpentea / Entre las entrañas de los cerros verdes' e uma vez que a identificação não é mais a mesma: 'Me parece tan lejano todo aquello.' o que se espera como consequência desse processo é liberdade; que de forma tão bela e potente vem sendo expressa, na última estrofe, primeiramente, através de ações/verbos: 'Hoy regreso libre para hacer / para deshacer / para ir / para venir / para dar / para recibir...' e de modo a terminar o poema, liberdade: 'para ser yo'. Abrindo espaço para a diversidade, sem dúvidas, aqui não cabe um olhar simplista, já que a busca por isolar o sujeito em características únicas não se sustenta, devido à inviabilidade da existência de um lugar sem atravessamentos de outras culturas.

5 Considerações finais

Anzaldúa (2012, p.19) em sua obra escreveu sobre a "life on the borders, life in the shadows" e, nesse sentido, não há como não estabelecer um paralelo com Giorgio Agamben (2009, p. 63), que afirma: "Contemporâneo é, justamente, aquele que sabe ver essa obscuridade, que é capaz de escrever mergulhando a pena nas trevas do presente". Entende-se, portanto, que não só o que escreve, mas também como o que lê deve observar fixamente o seu tempo para além das luzes, percebendo então o escuro, as trevas e as sombras presentes nessas poéticas que ainda ecoam e reverberam nas trincheiras do continente latino-americano.

Entretanto, só se tem acesso a esses relatos de memórias poetizadas porque estão registradas e isso conduz a uma reflexão na antiga e estreita relação existente entre memória e escrita. Inclusive, esse é um tema tão valioso que no seu livro *Espaços de Recordação: Formas e transformações da memória cultural*, Aleida Assmann dedica um capítulo inteiro para discorrer sobre esse vínculo. No seu capítulo *Escrita*, ao refutar Platão – significando caminhar em direção oposta ao que na sociedade ocidental está constituído como pilar fundador –, a autora afirma que o ato de escrever é tão análogo à memória, que chega a ser considerado a sua metáfora mais importante, concebendo-o como *medium*, um modo que eterniza e serve de suporte à memória. Para Assmann (2011, p. 195), "a escrita é uma das armas mais eficientes contra a segunda morte social, o esquecimento".

Desse modo, a autora destaca o livro como objeto e ao explorá-lo, explica que diante desse processo ele se torna um instrumento, externalizando tudo o que está oculto, desvendando e tornando acessível e, logo, ressalta que "O procedimento da anotação e da inscrição é a mais antiga e, através da longa história das mídias, ainda hoje a mais atual metáfora da memória" (p. 199). De modo semelhante, Anzaldúa também expõe na sua obra o elo entre memória e escrita quando dedica todo o capítulo *Tlilli, Tlapalli / El sendero de la tinta roja y negra* ao tema e confessa:

Because writing invokes images from my unconscious, and because some of the

images are residues of trauma which I then have to reconstruct, I sometimes get sick when I do write. I can't stomach it, become nauseous, or burn with fever, worsen. But, in reconstructing the traumas behind the images, I make "sense" of them, and once they have "meaning" they are changed, transformed. It is then that writing heals me, brings me great joy. (ANZALDÚA, 2012, p. 92)

Um diálogo possível é que Assmann nas considerações que propõe, estabelece que as "imagens surgem na memória sobretudo em regiões não alcançadas pelo processamento verbal. Isso vale principalmente para experiências traumáticas e pré-conscientes" (2011, p. 237). Exatamente o descrito por Anzaldúa, que até trazer à tona, por meio da escrita, suas dores e mágoas presas na memória e no inconsciente, não consegue livrar-se totalmente, mesmo que durante o processo haja sofrimento ou, inclusive, a priori, uma negação.

Não em vão, o início se dá com experiências da Anzaldúa, pois apesar de esse ser um mergulho profundo no seu subconsciente, é tomado aqui como uma possibilidade de alcançar vivências que foram fronteirizadas, como é o caso de Severo e de Senties. A fronteira pode ser e /ou proporcionar lembranças, mas também pode ser o próprio motivo para esquecimentos – seletivos ou não. Contudo, são essas seleções do que esquecer e do que lembrar que (co)operam na formação – que é constante e instável – das identidades desses sujeitos.

Por esse motivo, cabe ressaltar que ser latino-americano é ser pluralidade na unidade. Essa heterogeneidade tão característica do povo latino, também compreende o campo da literatura. A diversidade só reafirma e potencializa a riqueza cultural, literária e linguística que há no meio da América Latina. Essa configura-se como uma história literária marcada por variados contextos, escrita em diferentes línguas e produzida tanto dentro como fora do espaço geográfico e física que se considera como latino-americano. Por esse motivo, é compreensível pensar a literatura escrita em *português* como pertencente ao domínio dos estudos literários latino-americanos; já que, *a priori*, entende-se que essa literatura é elaborada a partir da fusão de duas línguas

latinas, situando-a assim, como pertencente ao espaço territorial latino-americano.

Por outro lado, o mesmo não ocorre, por exemplo, com o caso da literatura chicana escrita e difundida em território estadunidense. A princípio, concebê-la como latino-americana pode ser complexo, mas entende-se que não há limites entre fronteiras. Embora os Estados Unidos não façam parte da América Latina, é conhecida a informação de que recebem um grande número, não só de latinos, mas de outros migrantes que vão em busca de uma melhor condição de vida. Nesse sentido, as poéticas, anteriormente analisadas, apesar dos diferentes contextos, podem ser interpretadas por meio de uma perspectiva de comunidade latino-americana.

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. O que é o contemporâneo? e outros ensaios. Trad. Vinícius Nicastro Honesko, Chapecó, SC: Argos, 2009.
- ANZALDÚA, Gloria. *Borderlands/La Frontera: The new mestiza*. 4ª ed. San Francisco: Aunt Lute Books, 2012.
- ASSMANN, Aleida. *Espaços de Recordação: Formas e transformações da memória cultural*. Campinas/SP: Editora Unicamp, 2011.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaios sobre Literatura e História da Cultura. Obras Escolhidas*, v. 1,5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- BRAH, Avtar. *Cartografías de la diáspora: Identidades en cuestión*. Trad. de Sergio Ojeda, Madrid: Traficantes de sueños, 2011. Disponível em: <https://www.traficantes.net/sites/default/files/pdfs/Cartograf%C3%ADas%20de%20la%20di%C3%A1spora-TdS.pdf>. Acesso em: 03 fev 2023
- CAMBLONG, Ana María. *Habitar la frontera*. deSignis, Argentina, v. 13, pp. 125-133, 2009. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=606066732013> Acesso em: 4 fev 2023.
- CANDAU, Joël. *Memória e identidade*. Trad. Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011.
- CÁRCAMO, Silvia. *Cenas do exílio e literatura hispano-americana*. In: CORDIVIOLA, Alfredo ... [et al.]. *Temas para uma história da literatura hispano-americana*. Porto Alegre: Letra1, v. 1, pp. 266-267, 2022.
- CÉSAR, América; CAVALCANTI, Marilda; *Do singular para o multifacetado: o conceito de língua como caleidoscópio*. In: CAVALCANTI, Marilda. C; BORTONI-RICARDO, Stella M. (Org.). *Transculturalidade, linguagem e educação*. Campinas: Mercado das Letras, pp. 45-66, 2007.
- FLORES HERNÁNDEZ, B.; GONZÁLEZ ESPARZA, M. *Vocación y andanzas caribeñas de Antonio López de Santa Anna*. *Anuario de Estudios Americanos*, [S. l.], v. 67, n. 2, p. 635–661, 2010. DOI: 10.3989/aeamer.2010.v67.i2.522. Disponível em: <https://estudiosamericanos.revistas.csic.es/index.php/estudiosamericanos/article/view/522> . Acesso em: 20 jan 2023.
- HAESBAERT, Rogério e LIMONAD, Ester. *O território em tempos de globalização*. *Geo UERJ*, [S.l.], n. 5, p. 7, mar. 2020. ISSN 1981-9021. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/geouerj/article/view/49049>. Acesso em: 04 fev 2023.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu Silva e Guacira Lopes Louro. 11.ed, Rio de Janeiro: SP&A, 2006.
- RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Trad. Alain François et al. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.
- RINCÓN, Bernice. *La Chicana: Her Role in the Past and her Search for a New Role in the Future*. Chicana Feminist Thought: The Basic Historical Writings. Ed. García Alma. New York: Routledge, 1997.
- SENTÍES, Raquel Valle. *The Ones Santa Anna Sold*. California: Floricanto, 2014.
- SEVERO, Fabián. *Noite no Norte: Poemas en Português*. Montevideo: Ediciones Del Rincón, 2010.